

FORTALECIMENTO DAS RELAÇÕES SINO-RUSSAS

UMA ANÁLISE DAS INTENÇÕES NO COMUNICADO

CONJUNTO DE FEVEREIRO DE 2022

Leonardo dos Santos Fernandes*

Johny Santana de Araujo†

Raimundo Batista dos Santos Junior‡

Resumo: O artigo examina o comunicado conjunto de fevereiro de 2022 entre China e Rússia, com o objetivo de compreender as preocupações específicas desses dois Estados na sua comunicação ao público global. Uma análise, fundamentada no realismo das relações internacionais e auxiliada por ferramentas como Voyant Tools e ATLAS.ti, revela que ambos os países, impulsionados pelo cenário internacional, especialmente pela guerra na Ucrânia, já demonstraram um movimento de aproximação em diversos níveis. Tanto a China quanto a Rússia, diante de um suposto declínio dos EUA, têm fortalecido suas relações em áreas estratégicas regionais e globais. Esse estreitamento se reflete em um apoio mútuo em questões de soberania, segurança e integridade territorial, além de outros interesses essenciais. Essa aliança crescente sugere um alinhamento estratégico significativo, com a intenção de contrabalançar a influência ocidental e reafirmar suas posições no cenário internacional.

Palavras-chave: China; Rússia; comunicado conjunto; política internacional.

STRENGTHENING SINO-RUSSIAN RELATIONS

AN ANALYSIS OF THE INTENTIONS IN THE JOINT STATEMENT OF FEBRUARY 2022

Abstract: The article examines the February 2022 joint statement between China and Russia, aiming to understand the specific concerns of these two states in their communication to the global public. The analysis—grounded in the realism of International Relations and supported by tools such as Voyant Tools and ATLAS.ti—reveals that both countries, driven by the international context, particularly the war in Ukraine, have already demonstrated a process of rapprochement at multiple levels. Both China and Russia, in the context of an alleged decline of the United States, have strengthened their relations in strategic regional and global areas. This

* Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí - Uespi. Mestrando em Ciência Política pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Email: leonardofernandes08@yahoo.com.

† Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Realizou Estágio Pós-Doutoral em História junto a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É Professor Associado IV do Departamento de História da Universidade Federal do Piauí (UFPI), membro permanente do Programa de Pós-graduação em História do Brasil (PPGHB/UFPI) e do Programa de Pós-graduação em Ciência Política (PPGCP/UFPI). É Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Email: johny@ufpi.edu.br.

‡ Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e do Bacharelado em Ciência Política da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí (1988), mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (2001) e doutor em Ciência Política pela mesma Universidade. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Piauí. Email: rjunior@ufpi.edu.br.

rapprochement is reflected in mutual support on issues of sovereignty, security, and territorial integrity, as well as other essential interests. This growing alliance suggests a significant strategic alignment, with the intention of counterbalancing Western influence and reaffirming their positions in the international system.

Keywords: China; Russia; joint statement; international politics.

1 INTRODUÇÃO

Quais as principais pautas da aliança entre China e Rússia? A aliança ou aproximação entre China e Rússia está impactando de forma significativa a ordem internacional atual. Os dois países gigantes, a China em população e a Rússia em extensão territorial, representam conjuntamente 18% do território global. Em 4 de fevereiro de 2022, os dois países lançaram ao mundo um comunicado conjunto que celebrou o que ficou conhecido como “aliança sem limites”. O documento, intitulado “Declaração conjunta da Federação Russa e da República Popular da China sobre as relações internacionais: entrando em uma nova era e o desenvolvimento sustentável global”, traz algumas afirmações contundentes no cenário internacional.

O presente artigo consiste em uma análise documental apoiada no uso de softwares de análise qualitativa, especificamente o Voyant Tools e o ATLAS.ti. O objetivo da pesquisa é elucidar as agendas predominantes que catalisaram a aproximação e a subsequente formação de uma aliança estratégica entre a Federação Russa e a República Popular da China. Essa aliança representa um desafio significativo à hegemonia dos Estados Unidos em múltiplas esferas da governança global. Observa-se um fortalecimento nas relações sino-russas em setores vitais como economia, ciência, defesa e diplomacia, com a China emergindo como um comprador primordial das exportações russas, desafiando assim as sanções impostas pelos Estados Unidos no contexto do conflito russo-ucraniano e contribuindo para o delineamento de uma nova ordem mundial. Enquanto a Federação Russa se notabiliza por sua proeminência em capacidades militares e recursos energéticos, a República Popular da China lidera em setores industriais e comerciais, fomentando uma política internacional que tende à consolidação de uma configuração multipolar.

Para a análise em questão, o documento “Declaração conjunta da Federação Russa e da República Popular da China sobre as relações internacionais:

entrando em uma nova era e o desenvolvimento sustentável global” foi processado nos softwares Voyant Tools e o ATLAS.ti, especializados em análise de texto. Essas ferramentas geraram uma nuvem de palavras, destacando os termos mais recorrentes; um mapa de conexões entre palavras, ilustrando as relações semânticas, e um cálculo da frequência relativa das palavras, quantificando a prevalência de termos específicos no documento. Esses recursos visuais e estatísticos oferecem insights valiosos sobre os temas centrais e a ênfase temática da declaração.

A abordagem teórica adotada para a discussão é fundamentada no realismo político, uma escola de pensamento que considera o poder e a segurança nacional como as principais forças que moldam as relações internacionais. Autores como Henry Kissinger e John Mearsheimer são referências de suma importância nesse campo, oferecendo perspectivas que consideramos adequadas para elucidar nosso problema de pesquisa. Esses dois autores contribuíram significativamente para a compreensão das dinâmicas de poder e das políticas de Estado em um ambiente internacional frequentemente marcado por conflitos e alianças estratégicas. A aplicação dessas teorias ao caso da aliança entre a Rússia e a China pode revelar como essas nações percebem a hegemonia dos Estados Unidos e buscam, por meio de sua cooperação estratégica, estabelecer uma ordem mundial pautada na multipolaridade.

2 CONTEXTO GEOPOLÍTICO DA ALIANÇA SINO-RUSSA

A incursão militar da Rússia na Ucrânia em 2022 pode ser interpretada como um indicativo de que a ordem internacional vigente não tem mais a resiliência estrutural necessária para resolver conflitos por meio de mecanismos diplomáticos, em vez de recorrer à força armada. Essa situação reflete uma lacuna crítica na capacidade de mediação global, que historicamente tem sido fundamentada na diplomacia como ferramenta primordial para a resolução de disputas internacionais. Na concepção de Henry Kissinger (2014), ex-secretário de estado dos EUA, a construção de uma ordem mundial estável é um desafio primordial do século XXI, exigindo um equilíbrio entre poder e legitimidade.

É nesse contexto geopolítico caótico em um mundo pós-pandemia que Rússia e China lançaram em fevereiro de 2022 o comunicado conjunto

em que anunciaram para o mundo o aprofundamento da relação entre os dois países. Na medida em que a Rússia se coloca como uma ex-potência revisionista do sistema internacional sob liderança ocidental dos EUA e potências europeias, a China dá passos largos na sua projeção de poder internacional, alicerçada por sua economia pujante nas últimas décadas. O desenvolvimento da China durante algumas décadas foi uma incógnita dentro do sistema internacional. A grande questão era se o gigante asiático iria se acomodar em uma posição cooperativa e aceitaria responsabilidades de forma contributiva e não contestatória da ordem internacional. Para o mandatário chinês Xi Jinping (2019, p. 553),

Com as mudanças na correlação de forças internacionais e o aumento dos desafios globais, o reforço da governança global e a promoção da sua reforma constituem uma tendência inevitável. Devemos usar essa oportunidade e nos adaptarmos às novas circunstâncias para impulsionar a ordem internacional a se desenvolver de maneira mais justa e razoável e defender melhor os interesses comuns do nosso país e dos demais países em desenvolvimento, criando um ambiente externo mais favorável à concretização das duas metas centenárias e do sonho da grande revitalização da nação.

Essas mudanças na correlação de forças no tabuleiro político internacional são em geral problemáticas e conflituosas. Para Mearsheimer (2001), a estrutura anárquica das relações internacionais faz com que a busca incessante por poder seja uma característica inerente ao modo de fazer política das grandes potências, com o objetivo principal de garantir a sobrevivência. Em geral, “As grandes potências raramente se contentam com a atual distribuição de poder; pelo contrário, enfrentam um incentivo constante para mudar isso a seu favor”¹ (Mearsheimer, 2001, p. 2, tradução nossa). No caso russo, a insatisfação com a distribuição de poder no sistema internacional remonta a sua história recente. A dissolução da União Soviética e a perda do selo de grande potência mundial, bem como o período turbulento da década de 1990, moldaram muitas de suas decisões geopolíticas recentes.

A ascensão de Vladimir Putin ao poder na Rússia no fim da década de 1990 marca o início da revitalização nacional russa, segundo Visentini (2015),

¹ “Great powers are rarely content with the current distribution of power; on the contrary, they face a constant incentive to change it in their favor”. Confira na obra “The tragedy of great power politics” (Mearsheimer, 2001).

com o mandatário trabalhando pelo fortalecimento doméstico e internacional do país. No cenário internacional, Vladimir Putin

Não apenas formalizou a parceria estratégica com a China, como atuou com ênfase contra a expansão da OTAN. Além disso, efetuou visitas históricas à Coreia do Norte e a Cuba, reaparecendo em antigas áreas de influência, como na África, e novas, como a Venezuela. Com relação aos ex-integrantes da URSS, o novo dirigente buscou reintroduzir o ritual respeitoso da época comunista e dar atenção e apoio às novas nações (Visentini, 2015, p. 98).

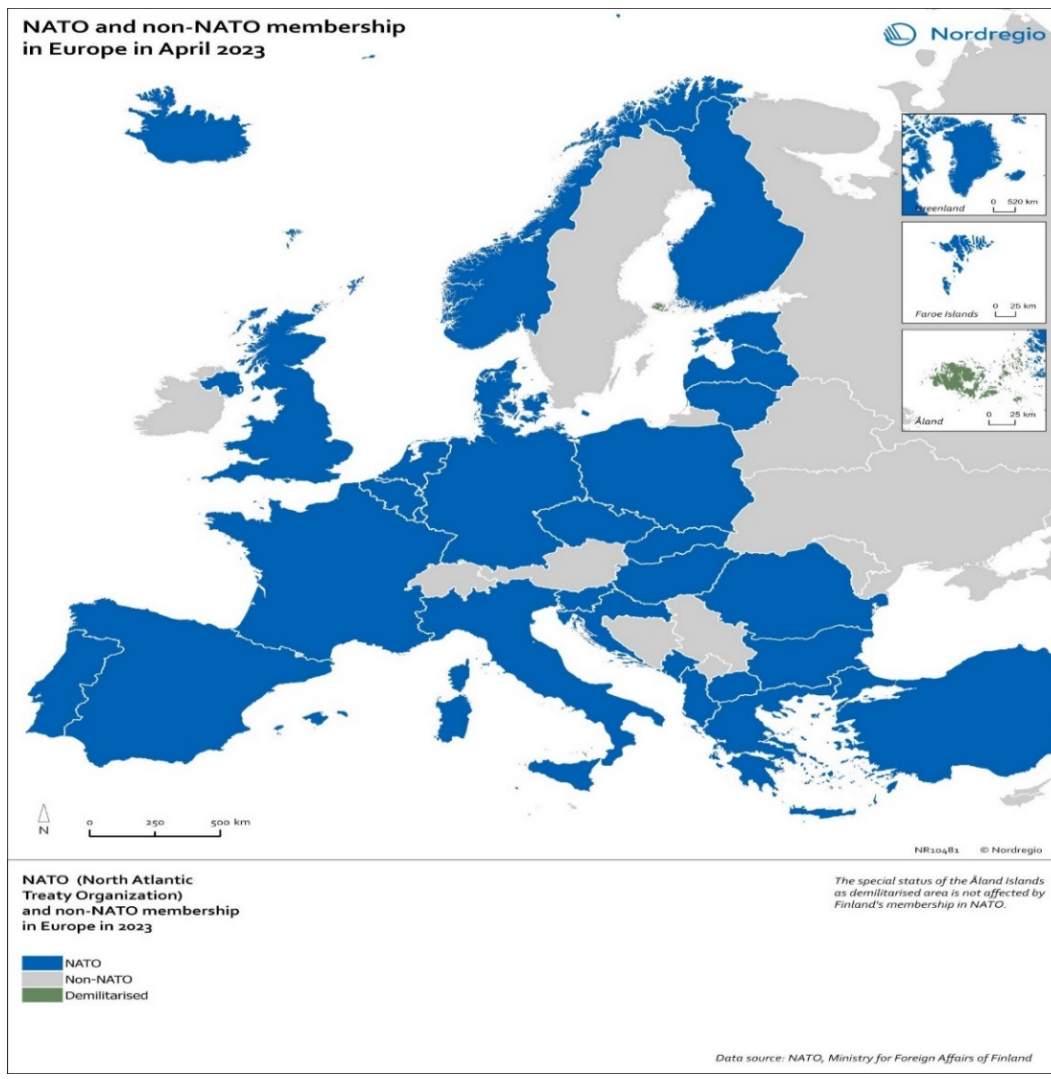
A expansão da OTAN é um dos pontos fulcrais da política externa russa² dentro da história recente do país. Nesse cenário de reposicionamento estratégico, consolida-se a aproximação com a China, vista como parceira indispensável na construção de uma ordem internacional menos centrada nos interesses norte-americanos e mais favorável a uma lógica multipolar.

Com os sucessivos avanços ocidentais sobre suas fronteiras, a Rússia, que já havia feito uma incursão militar na Geórgia em 2008 e na Crimeia em 2014, realizou mais uma ofensiva de grande escala em fevereiro de 2022 na Ucrânia. A reação ocidental às investidas militares da Rússia foi escalando desde 2014. A Rússia e a Crimeia sofrem com pesadas restrições no cenário internacional, impostas pelos Estados Unidos, União Europeia (UE) e por outros países ocidentais. Depois da nova invasão à Ucrânia em 2022, um novo pacote de novas sanções foi imposto. Dada a atual configuração em que o Ocidente impõe sanções cada vez mais pesadas contra a Rússia, o país se viu inclinado a se aproximar ainda mais da China, seu vizinho estratégico, em busca de apoio econômico e político.

“As questões que estão sendo resolvidas pela Rússia e pela China relacionam-se diretamente com a luta para estabelecer uma ordem mundial multipolar justa, onde não há lugar para ditadura, hegemonia, práticas neocoloniais e coloniais”, afirmou Lavrov, acrescentando que tais práticas são “usadas com todas as forças” pelos EUA e pelos países do Ocidente coletivo (Monin, 2024).

² Em artigo, o historiador Johny Santana de Araújo (2022) conclui que a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (CSTO) foi criada pela Rússia em 2002 como uma resposta à expansão da OTAN para o leste, uma movimentação vista por Moscou como uma ameaça a sua segurança e a sua esfera de influência. No entanto, a guerra na Ucrânia colocou à prova a coesão da CSTO, revelando a incapacidade da organização de se unir em torno da Rússia. A invasão da Ucrânia pela Rússia foi um erro de cálculo, com consequências de longo prazo para ambos os países.

MAPA 1 Membros e não membros da OTAN em abril de 2023



Fonte: Nordregio (2023).

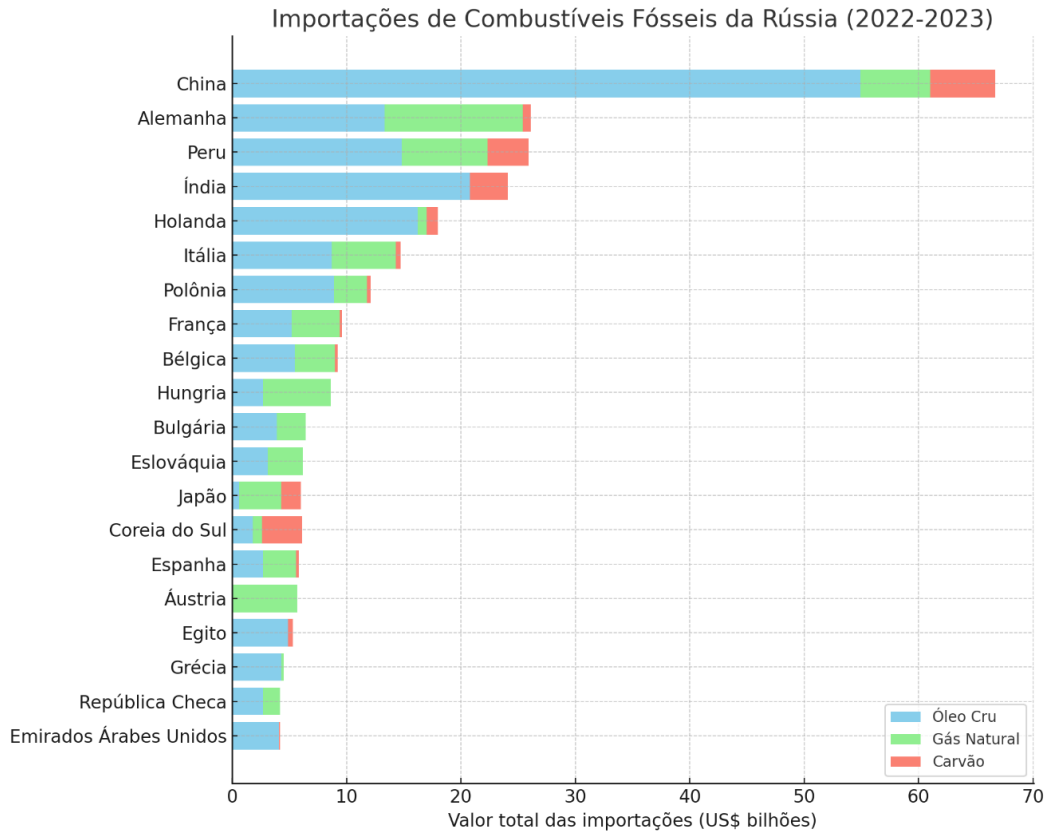
Dentro desse contexto, a análise do comunicado conjunto entre as duas grandes nações torna-se um importante instrumento para identificar, de forma objetiva e subjetiva, os interesses que orientam a aliança sino-russa, a qual se aprofunda cada vez mais.

2.1 ANÁLISE DA NUVEM DE PALAVRAS: OS PRINCIPAIS PONTOS DA ALIANÇA ENTRE RÚSSIA E CHINA

Neste tópico, recorreremos ao uso de recursos visuais, uma nuvem de palavras,

global de energia, setor no qual a Rússia é um grande produtor e do qual depende estruturalmente.

GRÁFICO 1 Os países que compram combustíveis fósseis russos desde a invasão à Ucrânia em 2022



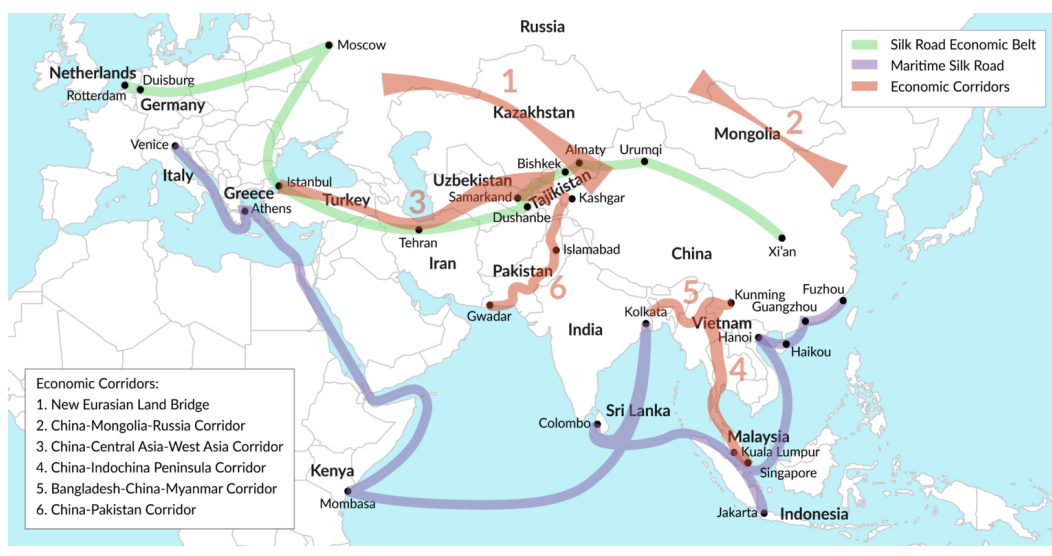
Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do Visual Capitalist.

Os dados disponíveis mostram que a China se tornou um parceiro de vital importância para a Rússia no contexto do pacote de sanções e boicote ocidental a partir das exportações russas no período pós-invasão da Ucrânia. De acordo com os dados do Visual Capitalist (2023), “Desde a invasão da Ucrânia, China e Índia emergiram como os maiores compradores de combustíveis fósseis russos, destacando uma reconfiguração significativa do comércio de energia global”. A composição da maior parte dos 66,6 bilhões de dólares em combustíveis russos importados pela China (82%) corresponde à importação de óleo cru, seguida de gás natural (9%) e carvão (9%). Vale ressaltar que as exportações russas para a China e outros países, como a

Índia, estão sendo realizadas abaixo do preço de mercado devido às sanções econômicas e à urgência da Rússia em escoar sua produção.

A ênfase no “desenvolvimento” (“development”) no documento Palavras-Chave reflete os esforços conjuntos para promover o progresso econômico e tecnológico. Esse termo provavelmente está relacionado a iniciativas compartilhadas em inovação, infraestrutura e comércio. A China capitaneia um dos maiores planos de investimentos em infraestrutura e transportes dos últimos tempos.

MAPA 2 Iniciativa do Cinturão e Rota



Fonte: Chaudhuri (2019).

A Nova Rota da Seda representa uma estratégia geopolítica da China para expandir sua influência econômica e política em diversas regiões do mundo. A iniciativa visa a fortalecer os laços comerciais da China com outros países, impulsionar o desenvolvimento de infraestrutura e promover a cooperação em áreas como energia, tecnologia e cultura. De acordo com Escolar (2022), a Iniciativa do Cinturão e da Rota (BRI) não se limita a ser um projeto econômico, mas também se configura como uma ferramenta geopolítica para expandir a influência da China. De acordo com Khanna (*apud* Escolar, 2022, p. 24), é esperado que,

no futuro, ao pensar na origem da ordem mundial liderada pela Ásia, o ponto de partida a considerar seja a primeira cúpula da BRI, em 2017, que reuniu

“sessenta e oito países representando dois terços da população mundial e metade do seu PIB”.

Essa cúpula, que marcou o início do “maior plano coordenado de investimento em infraestrutura da história da humanidade”, pode ser vista como um marco crucial na ascensão da Ásia como líder global.

Um objetivo subjacente da iniciativa é introduzir o RMB³ como moeda de transações internacionais, bem como canalizar estrategicamente as reservas estrangeiras chinesas para desenvolver as infraestruturas dos países asiáticos. Procura reduzir a dependência dos Estados Unidos da América por meio da criação de novos mercados para produtos chineses. No âmbito da iniciativa, a China construirá estradas, aeroportos e portos marítimos para integrar estreitamente os países em desenvolvimento e subdesenvolvidos com a economia chinesa para satisfazer a sua crescente procura de matérias-primas e capital (Islam, 2019, p. 280, tradução nossa).

No contexto de competição econômico-financeira, a China tem trabalhado na criação de instituições financeiras para dar suporte a sua agenda internacional de desenvolvimento, instituições como o Novo Banco do Brics (NBD), o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB), o Banco de Desenvolvimento da China (CDB) e o Banco de Exportação e Importação da China (CHEXIM), que têm integrado a estratégia de apoio global ao desenvolvimento sustentável de acordo com a agenda 2030.

Em um mundo globalizado e em mudanças constantes, o país, nas últimas décadas, ascendeu como importante financiador global para o desenvolvimento. Os dados do relatório nos mostraram que, de 2000 a 2014, a China se tornou a sétima maior fonte de assistência oficial ao desenvolvimento (ODA), conhecida como “assistência estrangeira” ou “ajuda estrangeira”, fornecendo U\$ 6,8 bilhões de dólares em 2019. No entanto, a maior parte das finanças oficiais para o desenvolvimento da China (ODF), estimada em U\$ 354 bilhões de dólares entre 2000 e 2014, envolve fluxos de recursos diferentes da ODA, incluindo empréstimos não concessionais fornecidos por dois bancos de políticas da China, CBD e CHEXIM. O relatório ainda

³ Com a invasão da Ucrânia pela Rússia em 2022, ativos russos denominados em dólar americano foram congelados. Esse acontecimento desencadeou amplos debates acerca da soberania financeira e da dependência global do dólar como moeda de reserva (Bhusari; Nikoladze, 2022).

QUADRO 1 Composição do financiamento oficial para o desenvolvimento da China (2004-2014)

COMPOSIÇÃO DO FINANCIAMENTO OFICIAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA CHINA (2000-2014)		
Tipo de Fluxo	Valor (em bilhões de dólares)	Porcentagem
Semelhante a ODA	52.5	23%
Semelhante a OOF	216	61%
Indeterminado	56.5	16%
Total	354.0	100%

Fonte: MA Xingue; ZHOU Rong. China's overseas development finance review of flows and definitions, and potential support for SDG attainment in partner countries. 2021.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Ma e Zhou (2021).

Mostra que a assistência estrangeira da China exibe um padrão de distribuição geográfica semelhante ao dos chamados doadores tradicionais. Algumas características notáveis do ODF da China por região são: a África é o maior receptor, com uma distribuição bastante equilibrada entre ODA e OOF com base nos últimos 10 anos de dados disponíveis. A Ásia é o maior destino de crédito à exportação, enquanto, na América Latina e no Caribe, o OOF domina e os fluxos estão concentrados em alguns países: Argentina, Brasil, Equador e Venezuela, que juntos receberam 83% do total de OOF da China para a região (Ma; Zhou, 2021, p. 1).

Nessa perspectiva da atuação chinesa, cria-se uma dinâmica em que os países buscam escolher a parceria mais vantajosa, ou com a China, ou com os Estados Unidos, de acordo com Dalio (2022). Em geral, os chineses estão mais propensos a estabelecer e até desejar relações tributárias com

a maioria dos países não rivais, sendo um ponto importante a se considerar a proximidade geográfica com a China, pois, quanto mais próximo, mais influência os chineses querem exercer sobre eles. Se os países

[...] escolhessem com base na economia, então seria a China, porque para eles é mais importante economicamente (no comércio e nos fluxos de capital), ao passo que, se escolhessem com base no apoio militar, os Estados Unidos levam vantagem, mas a grande questão é se os Estados Unidos vão aparecer para protegê-los militarmente quando precisarem (Dalio, 2022, p. 448).

Segundo Ray Dalio (2022), a estratégia da China na economia e investimentos globais assemelha-se à dos Estados Unidos no período pós-Segunda Guerra Mundial. Por meio de investimentos maciços em infraestrutura, criação de instituições financeiras e expansão do comércio, a China busca consolidar sua influência econômica e geopolítica, similarmente ao que os EUA fizeram após 1945. Essa estratégia objetiva garantir relações internacionais favoráveis e fortalecer a posição da China no cenário global.

Para a Rússia, são de suma importância os desenvolvimentos de infraestrutura que proporcionem a interconexão da região da Eurásia, como o corredor norte-sul, a modernização da ferrovia transiberiana, a construção da ferrovia latitudinal norte, a ferrovia norte siberiana e as rotas ferroviárias que vão em direção à China e à Mongólia, bem como a utilização da rota do Mar do Norte, que integra os centros logísticos ao sul e à Eurásia. Os esforços conjuntos dos países na região também visam a proporcionar segurança e estabilidade, prevenindo a desestabilização política e abertura de espaços de influência para outros atores estatais, como os Estados Unidos, expandirem sua influência. A região é muito rica em recursos naturais como gás, petróleo, minerais e metais preciosos, recursos estratégicos para o desenvolvimento econômico da China. A região da Ásia Central também tem grande importância para a geopolítica da Rússia pós-soviética.

A China entende o problema das instabilidades na Ásia Central como parte do seu problema interno de Xinjiang. Além disso, as características geográficas da região permitem a construção de ampla rede de infraestrutura por terra que dão à China a oportunidade de diversificar o transporte para reduzir a dependência do Estreito de Malaca. Não à toa, a região da Ásia Central é prioritária nos projetos do Cinturão que compõe a Nova Rota da Seda (Alvares, 2020, p. 92).

No contexto geoeconômico, a proximidade da China com a Ásia Central oferece à China uma oportunidade geoestratégica muito importante, permitindo a redução da dependência de rotas marítimas vulneráveis para o transporte de petróleo e gás. Geopoliticamente, a coordenação entre Rússia e China na Ásia Central se insere como um importante mecanismo para assegurar a esfera de influência desses dois países na região e, concomitantemente, como instrumento de contenção da influência de atores estrangeiros, como os Estados Unidos. A presença americana é interpretada por China e Rússia como uma ameaça à estabilidade de ambos, já que os EUA buscam minar as relações amistosas dos países da Ásia Central com os dois gigantes.

A Rússia, ao propor a integração entre a União Econômica Eurasiática e a BRI, ao invés de impedir, auxilia e aprofunda as possibilidades chinesas na região, visando auxiliar e influenciar na escolha dos projetos e beneficiar-se do desenvolvimento, já que possui importantes laços históricos, culturais e linguísticos com os países. Além disso, dada a proximidade com a Rússia e a influência que tem, assim como a China, a Rússia enxerga que instabilidades na Ásia Central podem rapidamente migrar para o seu território e converterem-se em movimentos anti-Rússia (Alvares, 2020, p. 92).

A dinâmica da parceria na Ásia Central reflete o momento histórico de cada um dos países, a China, com sua pujança econômica, e a Rússia, com a capacidade bélica herdada da União Soviética. Nessa “divisão de trabalho”, segundo Alvares (2020, p. 92), a China entra com o financiamento dos projetos e a Rússia auxilia na articulação deles junto aos países e na segurança em áreas de maiores instabilidades, sendo, portanto, uma parceria de tipo ganha-ganha.

Assim, a cooperação entre Rússia e China, além de beneficiar ambos economicamente, fortalece iniciativas que diminuem a presença dos Estados Unidos⁴ na região, limitando sua influência global.

As duas potências, segundo Mearsheimer (2001), buscam maximizar a sua quota no poder mundial através da busca pela hegemonia regional, bem

⁴ Fareed Zakaria (2008), em *O Mundo Pós-Americano*, destaca o crescimento econômico de países como China e Índia, que desafiam a hegemonia americana em diversas áreas. Zakaria (2008) argumenta que estamos vivendo uma transição para um mundo multipolar, em que o poder está mais distribuído entre várias nações. Na obra, o autor analisa as implicações dessa nova ordem mundial, desde a economia até a política internacional.

como obter vantagens econômicas, ou seja, ser mais ricos que seus rivais geopolíticos.

A palavra-chave “security” no documento mostra que a segurança é um ponto de suma importância para os formuladores de política externa russos e chineses, o que é evidenciado no documento pelo uso frequente desse termo, assinalando a importância das questões de defesa e a estabilidade regional para ambos os países.

Termos como “internacional” e “global” no documento Palavras-Chave – “international”, “global”, “world” – indicam que a parceria sino-russa é vista dentro de um contexto maior de política e economia mundial. A palavra “world” sugere um impacto e influência globais das ações conjuntas desses países.

A menção às palavras-chave “Estados” e “Governança” (“states” e “United”) pode remeter a discussões sobre governança global, leis internacionais e à necessidade de uma abordagem unificada diante dos desafios mundiais.

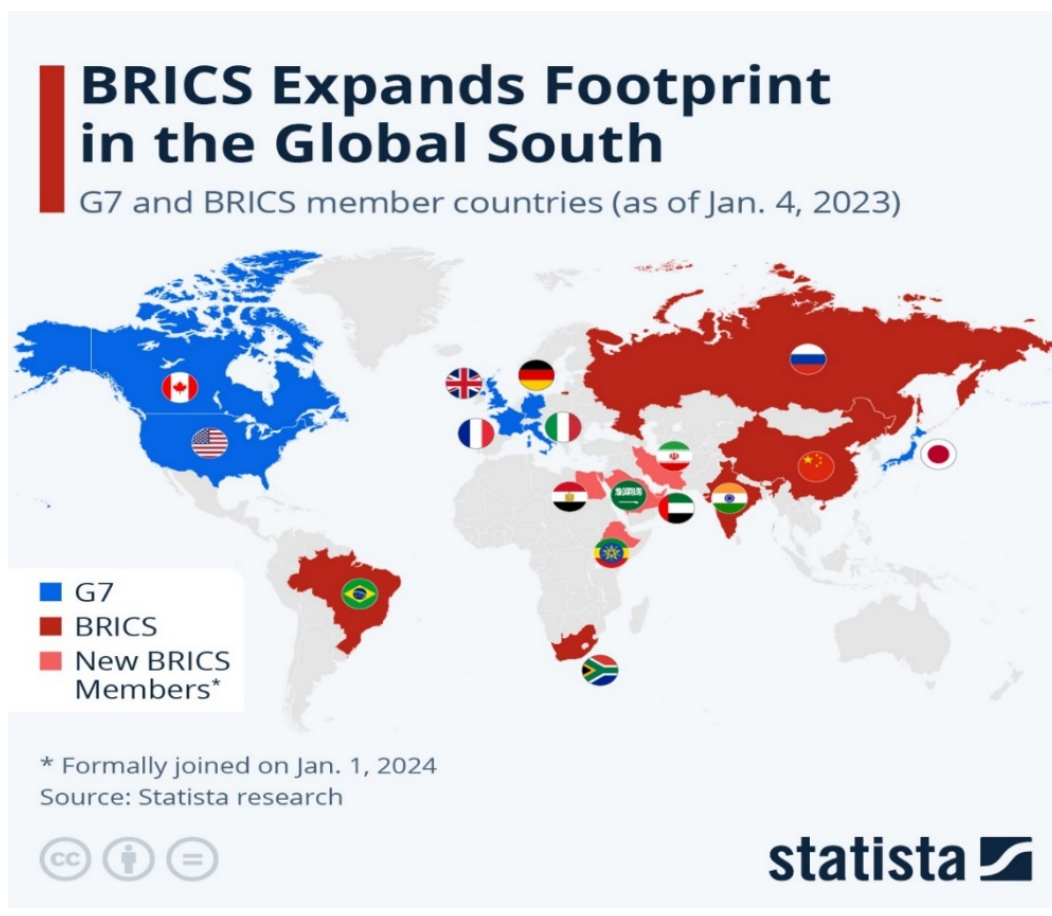
2.1.2 *Padrões contextuais*

A Cooperação Internacional, de acordo com os documentos, não é apenas entre China e Rússia, mas também pretende influenciar o cenário internacional. Isso é evidenciado pela presença de termos como “international cooperation” e “global development”.

No início do século XXI, com os ataques de 11 de setembro e a posterior crise de 2008, houve, segundo Pennaforte e Luigi (2020), um realinhamento geopolítico no cenário global, tendo em vista o declínio da influência dos Estados Unidos. A criação e a posterior ascensão do Brics⁵ ocorre no contexto da crise sistêmica de 2008, que expôs as vulnerabilidades da hegemonia americana, abrindo espaço para a emergência de novas potências, como a China e a Rússia. O Brics se insere como um importante mecanismo da China

⁵ As projeções do BGS – periodicamente atualizadas (no seu site sob o título de Brics) – apontam que eles, em seu conjunto, vão ser a mais importante força da economia mundial nas próximas décadas. De acordo com o estudo, o grupo possuirá pouco mais de 40% da população mundial e juntos terão um PIB ao redor de 90 trilhões de dólares em 2050 (Mello, 2012, p. 64). Com a expansão atual, esses dados devem ser revistos.

MAPA 3 Brics expande sua presença no Sul Global



Fonte: Richter (2025).

e da Rússia para influenciar no cenário econômico e político internacional. Em 2014, durante a sexta cúpula do Brics, em Fortaleza, no Brasil, foi assinado o acordo sobre o Novo Banco de Desenvolvimento do Brics, entrando em vigor na sétima cúpula do Brics, em 2015, em Ufa, na Rússia.

A criação de um possível concorrente na provisão de recursos financeiros em bases mais justas do que aquelas oferecidas pelo FMI e/ou Banco Mundial alteraria o tradicional centro de poder monetário configurado desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Como consequência, o centro geopolítico de poder seria alterado, acentuando o declínio do núcleo tradicional do capitalismo. A consolidação do NDB como uma alternativa real seria um ganho importante para a arquitetura geopolítica sino-russa, criando outro polo geoeconômico (Pennaforte; Luigi, 2020, p. 97).

No atual cenário de acirramento geopolítico da última década, instituições como BRIC e NBD e outras iniciativas sino-russas não são apenas meras provedoras de benefícios econômicos. Tanto chineses quanto russos reconhecem a importância dessas alianças e instituições em termos políticos e de poder. Em 2014, com a anexação russa da Crimeia, podemos ter um exemplo prático, com o país enfrentando a possibilidade de suspensão e exclusão do G8 e G20. Os ministros das relações exteriores do Brics fizeram uma declaração conjunta alertando para que isso não fosse realizado, portanto o grupo protegeu um de seus membros de medidas isolacionistas. Para Xi Jinping (2019), ambos os países consideram um ao outro como prioridade de suas diplomacias, apoiando-se em questões vitais, tendo em vista que o desenvolvimento do outro é uma oportunidade para seu próprio desenvolvimento.

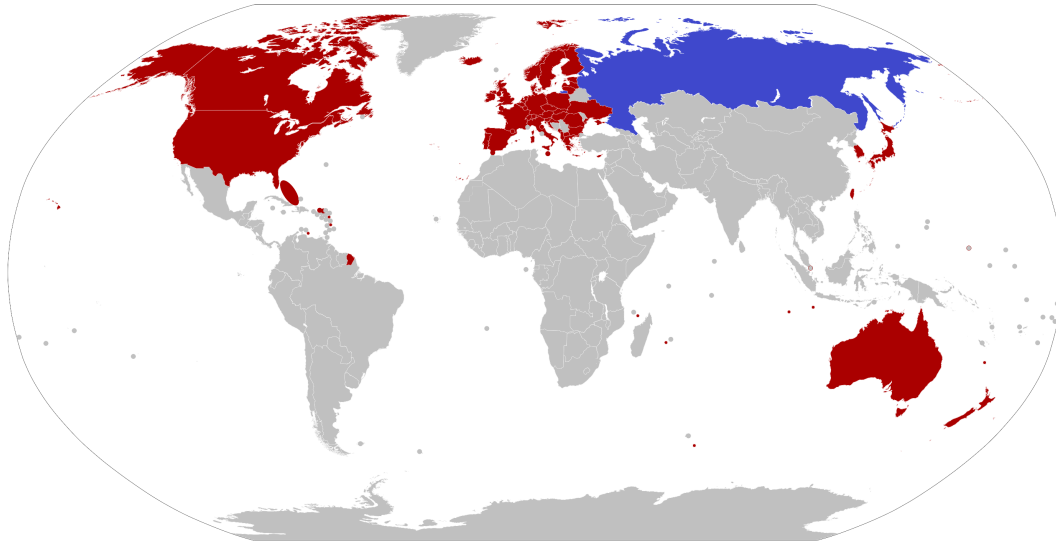
Ambas as partes se empenham na cooperação econômica de benefício recíproco com base no princípio de ganha-ganha. O volume comercial bilateral aumentou mais de dez vezes nos últimos 15 anos. A cooperação tem se ampliado da área de comércio apenas para investimentos, financiamentos, energia, alta tecnologia, ferrovias de alta velocidade, agricultura, aviação civil e setor aeroespacial, além da cooperação entre as localidades (Xi Jinping, 2019, p. 576).

Com a invasão da Ucrânia em 2022, a China e o Brics se tornaram uma questão estratégica de suma importância para a manutenção econômica e política do regime de Putin, que sofre com fortes sanções dos países desenvolvidos do mundo ocidental.

A estabilidade e a segurança, tanto regional quanto global, são uma prioridade para ambos os países, de acordo com o documento. O comunicado destaca a importância de uma abordagem colaborativa para enfrentar ameaças comuns e garantir a estabilidade. A grande questão dos dois países é serem desafiados em relação à hegemonia ocidental. Com base em nossa análise, o desafio à hegemonia ocidental, especialmente dos EUA, pode ser verificado pela postura da China diante das políticas de sanções aplicadas pelos EUA e União Europeia, sendo ela um dos países que não só não aderiram às sanções impostas à Rússia, como ainda criticaram sanções unilaterais.

A aliança sino-russa parece ser uma estratégia para promover uma ordem mundial mais multipolar. De acordo com Zhao Huasheng, professor do Centro de Estudos Russos e da Ásia Central da Universidade Fudan, em Xangai, à medida que a China cresce, enfrenta pressões crescentes no cenário

FIGURA 2 Países na “Lista de Países Hostis” da Rússia. Os países e territórios da lista em cor vermelha impuseram ou aderiram a sanções contra a Rússia



Fonte: Wikimedia Commons (NIKOLYA90, 2021).

internacional, especialmente em conflitos estruturais com os EUA⁶ e o Japão. Em artigo do *Global Times*, publicado em 23 de dezembro de 2020, é destacado o fortalecimento dos laços estratégicos entre Pequim e Moscou, enviando um sinal claro ao governo dos EUA. O artigo menciona ainda a realização conjunta de patrulhas aéreas estratégicas e tece críticas ao unilateralismo dos EUA.

O panorama das relações entre China e Rússia tem se tornado cada vez mais abrangente, com a colaboração estratégica entre os dois países em 2020. Destacamos os principais eventos e desenvolvimentos em diversas áreas, como militar, saúde pública e política externa. Em termos de cooperação militar, chamam a atenção os Exercícios Conjuntos: a imagem destaca a participação de tropas chinesas em exercícios militares estratégicos na Rússia (Kavkaz-2020), a realização de patrulhas aéreas conjuntas na região Ásia-Pacífico e a participação do Exército de Libertação Popular da China (PLA) nos Jogos Internacionais do Exército de 2020, na Rússia. Também merece destaque a presença chinesa em eventos importantes, como o envio de uma delegação ao

⁶ O cenário de guerra comercial entre EUA e China representa grandes desafios para a economia global: a desaceleração do comércio, o aumento da incerteza e as pressões sobre o sistema multilateral de comércio (Bown; Kolb, 2023).

FIGURA 3 Cooperação estratégica entre China e Rússia em 2020



Fonte: Yang (2020).

desfile do Dia da Vitória em Moscou, demonstrando o apoio mútuo em eventos simbólicos. Outro ponto relevante é a extensão do acordo de notificação para lançamentos de mísseis balísticos e foguetes, que demonstra a crescente

confiança e transparência na cooperação militar. Na esfera da saúde pública, a cooperação durante a pandemia incluiu o intercâmbio de especialistas, a colaboração na pesquisa e desenvolvimento de vacinas e medicamentos contra a covid-19 e a aprovação, pela Rússia, dos testes de Fase III da vacina chinesa produzida pela CanSino Biologics, indicando confiança na tecnologia médica chinesa.

A Solidariedade Política entre China e Rússia intensificou-se durante a pandemia, evidenciada, por exemplo, quando Sergei Lavrov, ministro das Relações Exteriores russo, defendeu a China contra acusações de que o país teria responsabilidade pela propagação do vírus. Esse gesto público reforçou a convergência entre os dois governos em temas delicados da agenda internacional. A mesma sintonia se observa nas questões sobre o Irã: China e Rússia votaram contra a resolução apresentada pelos EUA para estender o embargo de armas ao país, demonstrando uma frente unida em questões de política externa. Além dessas ações específicas, a parceria sino-russa se expressa em um padrão consistente de comunicação de alto nível. O registro de quatro ligações telefônicas e múltiplas trocas de cartas entre os presidentes Xi Jinping e Vladimir Putin, ao longo do período analisado, indica uma comunicação frequente e próxima, típica de relações bilaterais que buscam estabilidade, cooperação e coordenação contínua. Nesse mesmo sentido, destaca-se a declaração conjunta emitida pelos ministros das Relações Exteriores dos dois países, na qual criticam o unilateralismo, o uso político do poder, práticas de *bullying* e a chamada “jurisdição de longo alcance”, sinalizando uma postura comum em relação à ordem internacional. Em linhas gerais,

As autorrepresentações da China e da Rússia direcionadas ao público externo não são, contudo, meros exercícios de relações públicas. Pelo contrário, elas revelam profundas diferenças entre Moscou e Pequim em suas atitudes em relação à ordem global existente, bem como divergências em seus objetivos de longo prazo. A atitude da elite governante da China em relação à ordem internacional contemporânea é matizada. Embora Pequim permaneça insatisfeita com alguns elementos da ordem existente, em particular a primazia dos EUA, reconhece os benefícios que o período pós-Guerra Fria trouxe para a China (Breslin, 2016). Como resultado, a China prefere uma mudança incremental nas hierarquias de status internacionais e nos arranjos internacionais que empoderarão Pequim.

Qualquer mudança na ordem global não deve minar a estabilidade político-econômica geral nem prejudicar a abertura econômica (Kaczmarek, 2019, p. 14, tradução nossa).

Nessa configuração, apesar do modo distinto de atuação dos formuladores de política russos e chineses, a busca por uma aliança estratégica se mostra uma estratégia vital para aliviar essas tensões e equalizar a balança de poder com os Estados Unidos. A China já vem se consolidando como um grande *player* no xadrez geopolítico, e assegurar sua posição em uma ordem mundial cada vez mais bipolar com os EUA torna-se um imperativo da administração Xi Jinping. Nesse sentido, a aliança com a Rússia poderia fortalecer essa posição em um cenário positivo; em outro cenário, poderia arrastar a China para a guerra contra a Ucrânia, fazendo com que o Ocidente tomasse medidas mais severas contra Pequim, como embargos econômicos, a exemplo do que acontece com a Rússia, um cenário que não é desejável por Pequim, que, apesar de não ter apoiado explicitamente a invasão russa, também não a condenou.

Em suma, a análise da nuvem de palavras nos revela uma parceria entre Rússia e China em âmbitos variados e de relevância dentro da política externa de ambos os países, com ênfase em cooperação, desenvolvimento, segurança e influência internacional. A análise nos indica que ambos os países estão cada vez mais comprometidos em promover um ambiente internacional, dentro de suas cosmovisões, teoricamente mais equilibrado, resistindo ao que categorizam como dominação ocidental, fortalecendo suas próprias posições econômicas e estratégicas.

2.2 ANÁLISE DO LINK DE PALAVRAS

O link de palavras abaixo apresenta uma rede complexa de conexões entre diversos temas globais, com destaque para as relações entre a China e a Rússia. A análise da imagem nos mostra uma forte interconexão entre os seguintes eixos temáticos:

FIGURA 4 Link de palavras



Fonte: Link de palavras gerado pelo ATLAS.ti.

A análise dos termos relacionados à Geopolítica e à Segurança revela que “China”, “Rússia”, “guerra”, “armas nucleares”⁷ e “terrorismo” ocupam posições centrais na rede, indicando a relevância das relações sino-russas no cenário geopolítico e de segurança internacional. Nesse sentido, “Pequim tem utilizado o desenvolvimento e a integração regional como os mecanismos decisivos para garantir estabilidade e segurança no seu entorno estratégico” (Pautasso; Cepik, 2021, p. 63). O crescimento econômico acelerado das últimas décadas na China gerou os recursos financeiros necessários para modernizar suas forças armadas e a infraestrutura tecnológica para apoiar

⁷ De acordo com o *Financial Times*, a Rússia possui os maiores arsenais de armas atômicas e frequentemente ameaça seu uso no contexto da guerra na Ucrânia. Recentemente, a China lançou uma ofensiva diplomática contra a postura dos EUA em relação às armas nucleares, enquanto fortalece rapidamente suas próprias capacidades nucleares. Pequim, o único dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU que se comprometeu a não usar armas nucleares primeiro, pediu em Genebra que os outros cumpram a promessa e também denunciou os arranjos de Washington para dissuadir ataques a seus aliados. Para mais informações, consulte o artigo completo no *Financial Times* (2023): “China pushes nuclear ‘no first use’ while expanding its atomic arsenal: Beijing’s diplomatic offensive against US posture seen as blunting criticism of its own arms build-up”.

um exército moderno (Nathan; Scobell, 2012). A parceria com a Rússia foi muito importante nesse contexto, pois,

Mesmo em sua condição enfraquecida, a Rússia permaneceu uma potência significativa devido ao seu vasto território, localização estratégica, recursos naturais e tecnologia avançada, incluindo tecnologia nuclear e espacial. Os formuladores de políticas chineses acreditavam que esses ativos trariam, mais cedo ou mais tarde, um ressurgimento do poder russo. Ao construir um relacionamento que servisse aos interesses russos, bem como aos chineses, Pequim esperava criar uma estrutura duradoura baseada na atenção mútua aos interesses de segurança um do outro (Nathan; Scobell, 2012).

A proximidade entre os termos “China” e “Rússia” demonstra que está em curso uma parceria estratégica entre os dois países, que tem se fortalecido em meio a tensões com outros atores globais. A elite política americana tem imposto uma guerra tarifária que tem seu *start* mais severo durante o governo Trump e sua continuidade na administração de Joe Biden. Biden também instou o Grupo dos Sete (G7) a impulsionar projetos de infraestrutura em países de renda média e baixa para tentar conter a BRI. Segundo Pautasso e Cepik (2021, p. 50),

A história vai se repetir? Sem dúvida, caso os Estados Unidos e a China recaíssem num conflito estratégico, uma situação comparável à da estrutura europeia de antes da Primeira Guerra Mundial podia evoluir na Ásia, com a formação de blocos opondo-se um contra o outro e buscando minar ou pelo menos limitar a influência e o alcance do outro.

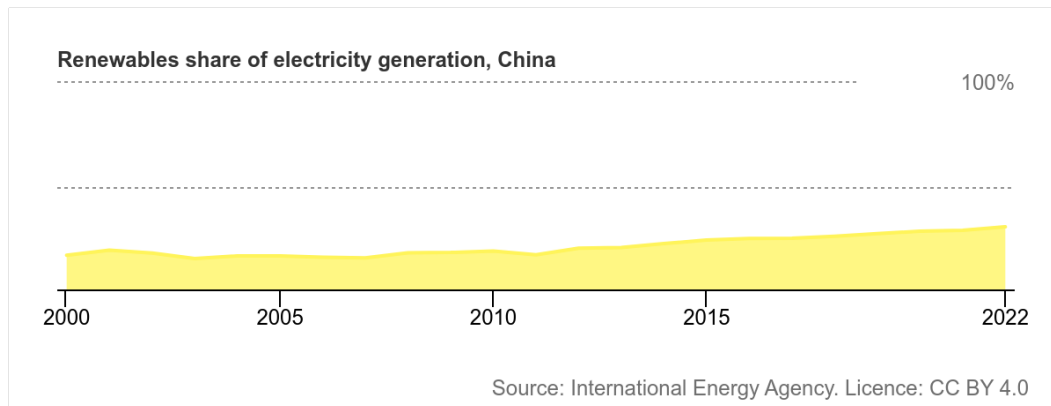
A análise dos termos relacionados à Governança Global e à Cooperação Internacional evidencia que conceitos como “governança”, “coordenação”, “cooperação”, “Nações Unidas” e “comunidade internacional” ilustram a importância da atuação conjunta dos países na resolução de desafios globais. A centralidade atribuída a “China” e “Rússia” nesse contexto sugere que o eixo sino-russo busca desempenhar um papel mais ativo na governança global, propondo alternativas e liderando iniciativas em diferentes áreas.

No âmbito do Desenvolvimento e da Sustentabilidade, a conexão entre os termos “desenvolvimento”, “sustentável”⁸, “transporte” e “nova ordem

⁸ No campo energético, a China tem emergido como uma potência global, especialmente na área das energias renováveis. De acordo com previsões recentes da EPBR, a China deverá

mundial” indica a busca por um modelo de desenvolvimento que concilie o crescimento econômico com a preservação ambiental e a justiça social.

FIGURA 5 Participação das energias renováveis na geração de eletricidade na China



Fonte: [IEA](<https://www.iea.org/countries/china>) (2023).

É observada nas últimas duas décadas uma tendência de alta na participação das energias renováveis na geração de eletricidade na China. A área em amarelo no gráfico indica a proporção de eletricidade gerada a partir de fontes renováveis ao longo dos anos. De 2000 a 2022, a produção de energias renováveis saiu da casa dos 17% para cerca de 30% em 2022. No período de 2000 a 2010, a participação se mostrou relativamente estável, com um aumento pouco expressivo. A partir de 2010 em diante, houve aumento um pouco mais perceptível, indicando um crescimento gradual na participação das energias renováveis.

Com a ascensão de Xi Jinping e Li Keqiang, o governo chinês continuou a se valer do “conceito de civilização ecológica” para promover avanços na institucionalização da questão ambiental. Em 2013, criou-se a força-tarefa para promoção do desenvolvimento econômico e Civilização Ecológica como um órgão partidário dedicado à preservação do meio ambiente (Souza, 2021, p. 169).

concentrar mais de 80% da produção mundial de energia solar até 2026. Esse avanço é impulsionado por investimentos massivos em tecnologia solar, infraestrutura de fabricação e políticas governamentais favoráveis (Machado, 2023).

A proximidade da “China” com esse eixo reforça o papel do país como um dos principais motores do desenvolvimento global, impulsionando investimentos em infraestrutura e tecnologia.

A questão da Pandemia e da Saúde Global revela a profunda mobilização dos países diante da crise de saúde global causada pela covid-19 na corrida pelo desenvolvimento de vacinas eficazes para o enfrentamento do patógeno. A presença dos termos “pandemia”, “coronavírus”, “saúde” e “infecção” no comunicado destaca o quão importante essa temática é para Rússia e China, ressaltando que ambos reconhecem a necessidade de cooperação internacional no enfrentamento de crises sanitárias se faz necessária para mitigar os impactos econômicos e sociais desse tipo de crise. Nesse contexto, a China teve e vem tendo papel de destaque como epicentro da pandemia de covid-19, bem como por sua atuação no desenvolvimento e distribuição (venda ou doação) de vacinas. Com o início da pandemia global de covid-19, a China saiu na frente com um importante papel de grande produtor de vacinas, comprometendo-se a tornar as suas vacinas contra a covid-19 um bem público global.

Até ao final de janeiro de 2022, quase cinco bilhões de doses de vacinas contra a covid-19 foram fabricadas na China, tornando o país, de longe, o maior produtor mundial de vacinas contra a covid-19. Embora a maioria das vacinas fosse para uso doméstico, uma parte considerável das vacinas foi exportada através de vendas e doações, principalmente para países de rendimento baixo ou médio. Em comparação com as vacinas ocidentais de mRNA, como Comirnaty ou Spikevax, as vacinas inativadas contra a covid-19 desenvolvidas pela Sinovac e Sinopharm têm uma taxa de eficácia mais baixa (Cumulative [...], 2023, tradução nossa).

A China estabeleceu a denominada Diplomacia da Vacina, tendo em vista o contexto global de desigualdade na capacidade produtiva e tecnológica entre os países. Em uma análise sobre a geopolítica das vacinas, Magalhães, Assis e Espindola (2024, p. 122) demonstram que a China era um dos Estados com maior capacidade de enfrentar essa desigualdade e que disputa, atualmente, a hegemonia do globo com a União Europeia e, sobretudo, com os Estados Unidos. Nesse cenário, a diplomacia da vacina chinesa serviu como estratégia para aumentar sua influência em regiões em desenvolvimento como Ásia e África, fortalecendo seus interesses geopolíticos. Enquanto o governo brasileiro

adotou uma postura vacilante em relação ao enfrentamento da pandemia, a Rússia, que tem forte influência junto aos Brics e estreita cooperação com a China, “[...] investia na produção da Sputnik V, e China e Índia inovavam no desenvolvimento de equipamentos, vacinas e medicamentos para fazerem frente à pandemia de Covid-19” (Ribeiro; Aguiar, 2023, p. 3).

No contexto de China e Rússia, esta última enfrentou problemas na distribuição de sua vacina, além de investimentos insuficientes na sua produção. No entanto,

O grande destaque entre os países do BRICS na produção e distribuição de vacinas foi a China, que assumiu desde o início da pandemia o compromisso de tornar o imunizante um bem público global. A performance chinesa pode ser analisada com base nos dados obtidos a partir do rastreamento da distribuição de doses realizado pelo Bridge Consulting. Os dados foram obtidos por meio de consultas às fontes oficiais do governo chinês, possibilitando compreender o impacto da diplomacia chinesa sobre a saúde global no contexto da covid-19 e conhecer a quantidade de vendas bilaterais e multilaterais (1,75 bilhão), doações (197 milhões) e entregas (1,40 bilhão) feitas às regiões da Europa, África, América Latina e Ásia-Pacífico, além da distribuição global realizada pela China (Ribeiro; Aguiar, 2023, p. 8).

Em suma, a China, nesse cenário, tem mais capacidade que a Rússia, que vem amargando um campo diplomático bastante restrito por causa de sua atuação militar na Ucrânia. Dentro desse contexto,

[...] embora não se noticie muito, cabe dizer que a China, a Índia e a Rússia disputam por influência em territórios como o Afeganistão, o Paquistão, a Indonésia, Mianmar, Bangladesh, entre outros, tendo na distribuição da vacina a grande oportunidade de aproximação geopolítica. Isto é, a vacina tem servido para que antigos territórios que estavam sob controle ou sob a hegemonia dos Estados Unidos possam ser disputados pelas novas hegemonias regionais no oriente (Magalhães; Assis; Espindola, 2024, p. 125).

A geopolítica das vacinas é apenas um dos campos em disputa, pois a China tem se tornado cada vez mais relevante na seara de fornecimento dos “bens públicos globais”.

Pequim se apresenta como um importante provedor de “bens públicos globais”, propondo recentemente a Iniciativa de Desenvolvimento Global (GDI) para

remediar o impacto da Covid-19 no desenvolvimento global, e a Iniciativa de Segurança Global (GSI) como a visão da China para uma nova ordem de segurança (Fung, 2022, tradução nossa).

A Iniciativa de Desenvolvimento Global foi lançada em setembro de 2021 quando o presidente Xi Jinping discursou na abertura da 76^a Assembleia Geral das Nações Unidas. A GDI reúne, em um ponto central, os esforços chineses de cooperação para o desenvolvimento, delimitando e publicizando os princípios do país para iniciativas mais robustas, próprias de um Estado em desenvolvimento que busca contribuir para um modelo global mais verde, mais justo e com mais inovação. Seu objetivo é impulsionar o alcance das metas de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU) para 2030.

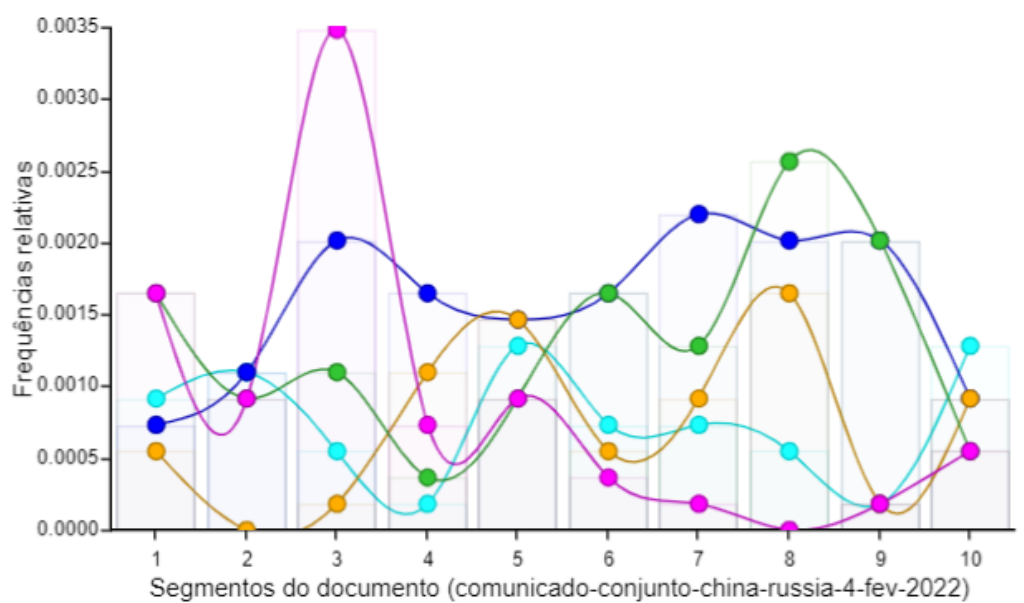
2.2.1 *Análise gráfica da frequência relativa de palavras-chave*

Foi realizada análise gráfica da frequência relativa de palavras-chave em 10 segmentos do comunicado conjunto China-Rússia de 4 de fevereiro de 2022. Cada linha colorida representa uma palavra-chave diferente, e a altura da linha em cada segmento indica a frequência relativa da palavra naquele segmento.

Nossa análise mostra uma distribuição desigual na frequência das palavras-chave ao longo do comunicado conjunto. Observa-se que diferentes partes do documento focam tópicos distintos, o que resulta em variações significativas na ocorrência dos termos analisados. Algumas palavras-chave (representadas pelas linhas mais altas), mais frequentes em todo o documento, configuram-se como temas centrais do comunicado conjunto, enquanto outras apresentam oscilações de frequência que indicam mudanças de foco ao longo do comunicado. Por exemplo, uma palavra-chave pode ser muito utilizada no início, mas menos frequente no final.

A partir dessa dinâmica, a análise gráfica sugere que o comunicado conjunto China-Rússia, de 4 de fevereiro de 2022, abrange uma variedade de tópicos, com diferentes níveis de ênfase em cada um. As palavras-chave mais frequentes apontam para os temas centrais do comunicado, ao passo que as mudanças na sua incidência podem indicar uma progressão lógica de tópicos ou uma mudança de foco ao longo do documento.

GRÁFICO 2 Frequência de palavras-chave



Fonte: Elaborado pelo autor com auxílio do software Voyant Tools.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa análise com auxílio dos softwares Voyant Tools e ATLAS.ti, juntamente com a literatura especializada, identificamos fortes indícios de que o comunicado conjunto entre China e Rússia lançado em fevereiro de 2022 é um importante marco da geopolítica e relações internacionais contemporâneas. Pudemos extrair de sua comunicação política e diplomática os principais tópicos que compõem a agenda conjunta desses dois grandes países no atual cenário político internacional: segurança energética, cooperação internacional, desafio à hegemonia ocidental, governança global, comércio internacional, desenvolvimento sustentável, questões geopolíticas.

A partir da análise e discussão da nuvem de palavras, do mapeamento de conexões entre termos e da frequência relativa das palavras, é possível concluir, com um grau considerável de precisão, que China e Rússia, impulsionadas pelo contexto internacional para uma aliança, já demonstravam uma consonância quase intrínseca. Essa sintonia é evidenciada não apenas pela proximidade geográfica entre as duas nações, mas também pelo interesse mútuo em preservar e reforçar suas esferas de influência regional.

Verificou-se que ambas as potências, no contexto de um suposto declínio da liderança global dos EUA, vêm fortalecendo suas relações em áreas fundamentais para suas estratégias de poder, tanto regionais quanto globais. Os dois países estão construindo um relacionamento cada vez mais sólido, com um apoio ainda mais firme em questões sobre soberania, segurança, integridade territorial e outros interesses fundamentais. A China tem apoiado a Rússia na luta contra o terrorismo, bem como na defesa de sua soberania nacional, além de sustentar uma posição que não condena de forma explícita a invasão militar russa na Ucrânia. Também se tornou um dos maiores destinos do petróleo e gás russos, ajudando a amortecer o impacto das sanções ocidentais.

A Rússia tem dado suporte aos princípios e posições da China sobre a questão histórica de Taiwan, apoiando o princípio de uma só China, além de questões relacionadas ao Tibete e a Xinjiang, entre outras. Esse apoio mútuo proporciona mais equilíbrio na balança de poder com as potências ocidentais, em especial os EUA, ao passo que contribui para a construção de uma arquitetura de poder mundial centrada na China como sua principal promotora. Dessa forma, conseguimos satisfatoriamente identificar e discutir alguns dos pontos-chave da aliança entre China e Rússia no cenário contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- ALVARES, Ticiania. *Rússia e China: uma parceria estratégica em busca da multipolaridade*. 2020. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- ARAÚJO, Johny Santana de. A Organização do Tratado de Segurança Coletiva (CSTO) e a Guerra na Ucrânia. *Diálogos Internacionais*, v. 9, n. 91, 2022. Disponível em: <<https://dialogosinternacionais.com.br/?p=2700>>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- BHUSARI, Mrugank; NIKOLADZE, Maia. Russia and China: partners in dedollarization. *Atlantic Council*, 18 fev. 2022. Disponível em:

<https://www.atlanticcouncil.org/blogs/econographics/russia-and-china-partners-in-dedollarization/>). Acesso em: 15 out. 2024.

BOWN, Chad P.; KOLB, Melina. The US-China trade war and Phase One agreement. *Journal of Policy Modeling*, v. 43, n. 4, p. 805-843, jul./ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jpolmod.2021.04.003>). Acesso em: 15 out. 2025.

CHAUDHURI, Pramit Pal. The dangers of the Belt and Road Initiative. Vaduz: Geopolitical Intelligence Services AG. *GIS Reports Online*, 4 jan. 2019. Disponível em: <https://www.gisreportsonline.com/r/belt-road-initiative-dangers/>). Acesso em: 18 fev. 2024.

CUMULATIVE number of COVID-19 vaccine doses manufactured in China between April 2021 and January 2022. Hamburgo: Statista, 2023. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1306832/china-covid19-vaccine-production-figures/>). Acesso em: 12 jun. 2024.

DALIO, Ray. *Princípios para a ordem mundial em transformação*: por que as nações prosperam e fracassam. São Paulo: Editora Planeta, 2022.

ESCOLAR, Joanna. *Belt and road initiative & digital silk road*: os caminhos da transição de poder. 2022. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: [doi:10.11606/D.101.2022.tde-10012023-170356](https://doi.org/10.11606/D.101.2022.tde-10012023-170356)). Acesso em: 18 fev. 2024.

FINANCIAL TIMES. China pushes nuclear “no first use” while expanding its atomic arsenal: Beijing’s diplomatic offensive against US posture seen as blunting criticism of its own arms build-up. *Financial Times*, Londres, 6 ago. 2023. Disponível em: <https://www.ft.com/content/c23e896d-8fbd-4a9d-a7a3-ea0973d838cf>). Acesso em: 7 ago. 2024.

FUNG, Courtney; LAM, Shing-hon. *Mixed report card*: China’s influence at the United Nations. Sydney: Lowy Institute, 18 dez. 2022.

HENRY Kissinger explains how to avoid World War Three: America and China must learn to live together: They have less than ten years. *The Economist.com*, 17 maio 2023. Disponível em: <https://www.economist.com/briefing/2023/05/17/henry-kissinger-explains-how-to-avoid-world-war-three>. Acesso em: 24 maio 2023.

INTERNATIONAL ENERGY AGENCY (IEA). *China: countries & regions*. Singapura: IEA, 2023. Disponível em: <https://www.iea.org/countries/china>. Acesso em: 15 out. 2024.

ISLAM, Nazrul. One Belt One Road Project is a driving force for holistic development of Eurasian Region: challenges to Bangladesh. In: ISLAM, Nazrul (ed.). *Silk Road to Belt Road*. Singapore: Springer Nature Singapore Pte Ltd., 2019. p. 279-291.

KACZMARSKI, Marcin. Convergence or divergence? Visions of world order and the Russian-Chinese relationship. *European Politics and Society*, v. 20, n. 2, p. 207-224, 2019. DOI: [10.1080/23745118.2018.1545185](https://doi.org/10.1080/23745118.2018.1545185).

KISSINGER, Henry. *World Order*. New York: Penguin Press, 2014.

MA, Xinyue; ZHOU, Rong. *China's overseas development finance review of flows and definitions, and potential support for SDG attainment in partner countries*. Nova Iorque, NY: UNDP, jan. 2021. Disponível em: <https://files.acquia.undp.org/public/migration/cn/China-Development-Finance-Report-UNDP.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.

MACHADO, Nayara. China concentrará mais de 80% da fabricação solar até 2026. *Agência Eixos*, Niterói, 08 nov. 2023. Disponível em: https://epbr.com.br/china-concentrara-mais-de-80-da-fabricacao-solar-ate-2026/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 15 out. 2025.

MAGALHÃES, Vívian Ribeiro; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de; ESPINDOLA, Giovana Mira de. Geopolítica e vacinas da Covid-19: Estados, organismos multilaterais e corporações transnacionais como

espelhos da disputa pela hegemonia mundial (2020-2022). *Geografia: Publicações Avulsas*, Teresina, v. 4, n. 1, p. 119-143, jan./jun. 2024.

MEARSHEIMER, John J. *The tragedy of great power politics*. New York: W.W. Norton & Company, 2001.

MELLO, Pedro de Carvalho de. *O B de BRICs: potencial de consumo, recursos naturais e economia brasileira*. São Paulo: Saint Paul Editora, 2012.

MONIN, Serguei. Em visita à China, chanceler russo destaca “relação sem precedentes” entre os países. *Brasil de Fato*, São Paulo-SP, 9 abr. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/04/09/em-visita-a-china-chanceler-russo-destaca-relacao-sem-precedentes-entre-os-paises>. Acesso em: 12 jun. 2024.

NATHAN, Andrew J.; SCOBELL, Andrew. *China's Search for Security*. New York: Columbia University Press, 2012.

NIKOLYA90. Russian-list-of-unfriendly-countries.svg. In: WIKIMEDIA Commons. San Francisco, 27 maio 2021. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=106018071>. Acesso em: 15 out. 2024.

NORDREGIO. *NATO and non-NATO membership in Europe in 2023 [mapa]*. Estocolmo: Nordregio, 19 abr. 2023. Disponível em: <https://nordregio.org/maps/nato-and-non-nato-membership-in-europe-in-2023/>. Acesso em: 15 out. 2024.

PAUTASSO, Diego; CEPIK, Marco. Indo-Pacífico: entre a estratégia estadunidense e a resposta chinesa. *Pensamiento Propio*, n. 54, p. 45-68, 2021.

PENNAFORTE, Charles; LUIGI, Ricardo. The (re)emergence of the BRICS and the reorganization of power in contemporary geopolitics. *Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations*, v. 9, n. 18, p. 85-104, 2020.

- RICHTER, Felix. BRICS Expansion Map. *In*: STATISTA. New York, 22 jan. 2025. Disponível em: <<https://www.statista.com/chart/30672/brics-expansion-map/>>. Acesso em: 15 out. 2025.
- RIBEIRO, Helena; AGUIAR, Anízia. BRICS na produção e distribuição de vacinas de covid-19 aos países do sul. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 32, n. 3, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/j7sxRsrfGxTWLqgVxvh9j8s/?lang=pt>>. Acesso em: 15 out. 2024.
- SOUZA, Luiz Henrique Vieira de. Civilização ecológica ou colapso total. *In*: MUSSE, Ricardo (org.). *China contemporânea: seis interpretações*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021. p. 163-191.
- VISENTINI, Paulo Fagundes. *O caótico século XXI*. Rio de Janeiro: Alta Books Editora, v. 1, 2015.
- VISUAL CAPITALIST. Who's still buying Russian fossil fuels in 2023? *In*: VISUAL Capitalist. Vancouver, 2023. Disponível em: <<https://www.visualcapitalist.com/which-countries-are-buying-russian-fossil-fuels/>>. Acesso em: 15 out. 2024.
- XI, Jinping. *A governança da China II*. v. 2. Rio de Janeiro: Contraponto; Foreign Language Press, 2019.
- YANG, Sheng. China-Russia strategic ties to be strengthened, sending strong signal to new US govt. *Global Times*, Pequim, 23 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.globaltimes.cn/content/1210830.shtml>>. Acesso em: 15 out. 2025.
- ZAKARIA, Fareed. *O mundo pós-americano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.